

A bela e o highlander

*Duas almas feridas e
uma paixão arrebatadora
nas Terras Altas*



VERUS
EDITORIA

LECIA CORNWALL

LECIA CORNWALL

*A bela e
o highlander*

Tradução
Sandra Martha Dolinsky

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2022



VERUS
EDITORIA

Copidesque
Érica Bombardi

Revisão
Lígia Alves

Título original
Beauty and the Highland Beast

ISBN: 978-65-5924-111-8

Copyright © Lecia Cornwall, 2016
Direitos de tradução acordados com Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2022
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Argentina, 171, São Cristóvão, Rio de Janeiro/RJ, 20921-380
www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C835b

Cornwall, Lecia

A bela e o highlander [recurso eletrônico] / Lecia Cornwall; tradução Sandra Martha Dolinsky. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Verus, 2022.
recurso digital

Tradução de: Beauty and the highland beast
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5924-111-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título.

22-79102

CDD: 813
CDU: 82-3(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

*A todos aqueles que sofreram, persistiram, sobreviveram e fizeram
do mundo um lugar melhor.*

Sumário

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

Epílogo

Agradecimentos

Prólogo

Carraig Brigh, Escócia, 1706

Quatro membros do clã Sinclair foram buscar Moire da Fonte no meio da noite. Era urgente, disseram, invadindo seu casebre, balançando-a bruscamente para acordá-la. Batiam a cabeça nos feixes de ervas que pendiam das vigas baixas e negras do teto, faziam caretas e se persignavam ao ver o estoque de raízes nodosas e bagas secas ali, todas tão murchas quanto a velha Moire. O odor de suor masculino substituiu o cheiro verde e poeirento das plantas, fez as narinas dela tremularem e atijou seu medo.

Ela mal teve tempo de se enrolar em um xale antes que a pegassem pelos braços e a levassem para fora. Não eram rudes, apenas firmes no que diziam — ela iria com eles, querendo ou não. Eles a puseram sobre um cavalo, atrás de um dos homens, e saíram cavalgando tão depressa quanto haviam chegado.

— Quem os mandou a mim? Aonde estamos indo?

Suas perguntas ficaram sem resposta.

Moire concluiu que alguma pobre garota estaria tendo um bebê e precisavam de sua ajuda. Devia ser alguém importante; por que outro motivo mandariam quatro homens buscar uma parteira tarde da noite? Os cavalos subiam as baixas colinas ao longo da costa em direção à aldeia de Carraig.

Ela sentiu a boca secar quando saíram do caminho que levava à aldeia e pegaram o que subia em direção ao castelo de Carraig Brigh. Não havia mulheres grávidas em Carraig Brigh. Não havia nada além de loucura e morte ali. Moire gemeu baixinho, contorceu-se e tentou descer do cavalo, mas o braço forte do cavaleiro a manteve no lugar.

— Calma, velha. Você será bem paga — rosnou ele.

Eles a estavam levando para curar o filho do chefe. O terror a fazia suar; e o vento frio, tremer. Ela havia ouvido histórias sobre Alasdair Og Sinclair, contadas com assombro e em sussurros. Um dia, o homem que eles chamavam de *Laird* dos Mares partira de navio em viagem à França, coisa que já havia feito cem vezes ou mais. Semanas depois, voltara para Carraig Brigh estranho, louco. Seu navio havia sido tomado; e sua tripulação, morta. Ele gritava durante o sono, assediado por sonhos malignos, e sangrava por feridas que não se curavam. Dizia-se que Alasdair Og fora amaldiçoado, condenado a lutar pela posse de sua alma contra um demônio preso em sua mente.

Não importava quanto ouro Sinclair oferecesse; se Moire não pudesse ajudar o filho dele, ela é que teria que pagar — com a vida. O chefe Pdraig Sinclair chamara outros curandeiros a Carraig Brigh, provindos de lugares distantes, que utilizavam conhecimento e poções de que ela nunca havia ouvido falar. Nenhum deles conseguira restaurar a saúde e a sanidade de Alasdair Og. Diante do fracasso, dizia-se que o chefe os jogara do alto do castelo e observara enquanto seus corpos arrebatados afundavam no mar, ao lado da frota de navios do clã — navios que não mais navegavam, visto que seu capitão estava louco.

Como os Sinclair haviam ouvido falar de Moire? Ela era uma alma humilde, discreta, que cuidava da antiga fonte da Deusa e ajudava somente aqueles que a procuravam. O medo anestesiava a sensação do vento gelado enquanto Moire olhava para a torre angular de Carraig Brigh — um dedo preto e torto erguendo-se de um sólido punho de pedra.

— Vocês estão enganados — lamuriou-se ela quando passavam por baixo dos dentes de ferro do portão. — Sou uma simples parteira.

Ninguém lhe deu ouvidos, e o vento carregou suas súplicas por sobre a beira do penhasco e as afogou na baía abaixo.

Na muralha externa, homens estavam de guarda sob a luz de tochas castigadas por vendavais. Não havia um rosto amigável entre eles, nem houve uma palavra de boas-vindas.

Alguém a tirou do cavalo, segurando-a pelo braço enquanto a arrastava através da muralha. A grade caiu, e o som do guincho

metálico fundiu-se a um humano, um lamento de pura agonia que descia da torre, fazendo as entranhas de Moire se enroscarem em sua espinha dorsal. As pessoas ali se agitaram nervosamente, benzendo-se ao elevar sua atenção para a estreita janela acima. O homem que escoltava Moire pegou uma tocha do guarda mais próximo quando este abriu uma porta de ferro e puxou a mulher escada acima.

— Você faz mesmo magia, velha? — perguntou ele. — É melhor que consiga conjurar uma cura.

Ela tropeçou. *Uma bruxa*. Eles pensavam que haviam chamado uma bruxa.

— Sou uma parteira, somente uma parteira — protestou ela de novo, ofegante.

Os degraus curvos de pedra eram íngremes, mas ele não deu tempo a Moire de pegar fôlego. As velhas pernas dela não se comparavam às longas e musculosas dele. Ela o puxou pela manga, dizendo:

— Por favor, houve um engano.

— Não houve engano, Moire da Fonte. Foi você, e nenhuma outra, quem nos mandaram buscar. O chefe chamaria o diabo em pessoa se achasse que poderia salvar seu filho.

— O que há de errado com ele? — perguntou ela quando encontrou coragem.

— Já ouviu falar de Jean Sinclair? — grunhiu ele.

— Sim, claro. A jovem chamada Sagrada Donzela de Carraig Brigh — respondeu Moire.

— Isso mesmo. Ela era prima de Alasdair Og, sobrinha do chefe. Padraig ficou contrariado quando ela decidiu fazer votos sagrados e se enclausurar em um convento francês. — Ele passou a mão no rosto. — É uma história triste. Eles partiram da baía de Sinclair para Berwick à noite, mas foram emboscados por soldados ingleses. Alasdair Og pensou que havia sido um engano, que tivessem sido confundidos com piratas talvez, ou sequestrados por resgate. Imaginou que seriam apenas alguns dias de atraso, uma troca de moedas, e retomariam seu caminho. Mas eles não pediram resgate; pegaram o ouro que Alasdair Og carregava, os bens e o navio, e assassinaram a tripulação. Então, espancaram Alasdair Og quase

até a morte, e jogaram Jean e ele no calabouço do Forte de Coldburn.

Moire levou a mão à garganta, sentindo um tremor correr por sua espinha.

— O pior de tudo foi o que fizeram com a pobre Jean. Eles a estupraram, torturaram e, depois, mataram-na na frente de Alasdair Og. Ele estava acorrentado à parede, não pôde fazer nada para ajudá-la. Ela suplicava ajuda a Deus. Era apenas uma menina. Eles disseram que, sendo ela católica e highlander, não era melhor que uma bruxa idólatra. Era um ódio não só pelos escoceses, mas por Alasdair Og em particular. Eles o chamavam de pirata, culpavam-no por coisas que não tinham nada a ver com os Sinclair. Aquilo não tinha nada a ver com a pequena Jeannie, disse Alasdair a eles, mas não lhe deram ouvidos. Ele chafurdou em seus próprios excrementos durante quinze dias, acorrentado, ferido, escutando-os baterem nela, quebrarem seus ossos e a atormentarem. Eles o mantiveram vivo para que testemunhasse os gritos de Jean.

— E depois? — perguntou Moire.

O homem fez uma careta.

— Eles a enforcaram como herege no pátio, forçaram Alasdair a se levantar e assistir pela janela. — Um degrau acima, o homem fitou Moire. — Ele não consegue esquecer. É por isso que o chamam de louco: ele tem pesadelos, sente uma dor constante, que começa ao anoitecer. Você pode ajudá-lo?

Ela pestanejou. Acaso a Sagrada Donzela estaria assombrando Alasdair Og Sinclair? Talvez fosse coisa do demônio, afinal. Moire sabia pouco sobre o Deus cristão, fosse católico ou protestante. Ela seguia a Deusa antiga, cuidava de sua fonte sagrada...

Outro grito gutural partiu do alto da torre. Moire se encolheu junto às pedras frias da parede e fez um sinal contra o mal.

Seu acompanhante a segurou pelo braço de novo.

— Vamos — urgiu-lhe.

No alto dos degraus, ele abriu uma porta e a arrastou para dentro. O aposento estava quase às escuras, iluminado por uma única vela — cara, de cera de abelha — e o brilho desbotado de um braseiro no canto. O cheiro doce da vela se mesclava com o fedor de sangue rançoso, podridão e suor. Era um cheiro que Moire

conhecia; significava doença muito além de sua habilidade de cura, e morte.

Ela observou o homem na cama estreita. O grande corpo de Alasdair Og Sinclair estava rígido; as veias de sua garganta, tensas. Com os punhos, ele se agarrava ao lençol, rasgando o linho fino. Sua perna esquerda estava coberta por bandagens da virilha até o joelho, e ela pôde ver as grossas cicatrizes de um vermelho púrpura que marcavam o peito e o braço direito. Sua pele era pálida, de um brilho insalubre e febril. Os olhos eram vazios, afundados entre os ossos afilados do rosto, e o nariz deformado por uma fratura. Ela sentiu a compaixão brotar em seu peito. Ele devia ter sido um homem bonito, alto e com um belo porte.

Moire contemplou o entorno. Viu um padre ajoelhado no canto, orando com seu rosário; sua voz era quase inaudível devido aos gemidos de Alasdair Og.

Havia mais alguém nas sombras, esparramado na única cadeira da sala, fitando-a com uma frieza que chegou aos ossos dela. O chefe do clã Sinclair de Carraig Brigh usava um fino broche no ombro, uma pedra vermelha que brilhava como o olho do diabo à luz das velas. Seu cabelo era grosso e escuro, como o de seu filho, mas salpicado de cinza, e seu rosto vincado e abatido. O coração de Moire também se sensibilizou por ele; sabia que ele estava ao lado do filho durante cada hora de tormento. O homem precisava dormir, precisava de esperança, e ela não tinha nada disso a lhe oferecer.

— Pode curar meu filho? — perguntou ele, com a voz dura como pedra, baixinho, como se temesse acordar o homem no leito.

Moire já havia tratado doenças e lesões simples. Dava ervas e amuletos a mulheres para fazer ou evitar filhos, aliviar a dor e facilitar o parto. Não tinha experiência com feridas de batalha ou loucura. Ela se virou para o homem que a levava até ali, parado entre ela e a porta, de braços cruzados. Seu olhar era tão frio quanto o do chefe. O padre, esquecendo o rosário, a encarou com extrema desconfiança.

Moire se aproximou da cama e analisou o paciente, ganhando um tempo precioso. Suas mãos tremiam e sua mente trabalhava. O que ela faria se ali estivesse deitada uma grávida com dor? Colocou

a palma da mão na testa de Alasdair Og, sentiu o calor. Ele estremeceu ao seu toque, murmurou:

— Jeannie...

Moire não podia imaginar o que Alasdair revivia em seu cérebro febril; nem queria. Ela lhe ergueu a pálpebra com o polegar, avaliou seus olhos. Ele não olhava para ela. Moire deu um passo para trás, esfregando as mãos em suas saias esfarrapadas.

— E então? — perguntou Padraig Sinclair.

Moire hesitou, arrasada. Que feridas terríveis, quanta agonia... Ousaria dizer ao homem que seu filho morreria? Ela fitou o padre, viu a malícia em seus lábios finos e retorcidos. *Bruxa...* A palavra não foi dita, mas ela a escutou mesmo assim. O medo paralisou a verdade na garganta de Moire.

Ela sabia como aliviar a ansiedade e a dor do parto. Seria Alasdair Og tão diferente? Abriu o embrulho que levava amarrado em sua cintura e, com dedos trêmulos, pegou uma porção de valeriana. Esmagou as folhas secas entre a palma das mãos, deixando-as cair no copo que havia ao lado da cama. Encheu-o com vinho, levou o pegador de carvão para o braseiro e depois mergulhou o ferro quente na bebida, para aquecê-la.

— Ajude-me a levantar a cabeça dele — ordenou ao homem à porta. Ele se aproximou e apoiou o braço debaixo da cabeça de Alasdair. — É só algo para ajudá-lo a dormir sem sonhar — murmurou ela enquanto segurava o copo nos lábios rachados de Alasdair Og. Ele fez uma careta, mas engoliu. Aquilo era um bom sinal, e inesperado. — Isso o ajudará a descansar — repetiu Moire para o chefe, que não tirara os olhos dela nem por um instante.

Ela se voltou para examinar os ferimentos do rapaz. As cicatrizes fundas em seu peito eram grossas e irregulares. Curvou-se para cheirá-las, mas não detectou podridão. A ferida que descia pelo braço direito, do cotovelo ao pulso, havia cicatrizado mal, pois não fora suturada nem cuidada por muito tempo. A cicatriz era feia, vermelha e inchada, mas não havia rastro de veneno correndo por baixo da pele. Ele era realmente um homem forte.

Por último, ela examinou a perna ferida, temendo e sabendo que era a pior parte. Havia sangue no curativo, preto à luz da vela, e pus amarelo. Ela se inclinou sobre o machucado, mas recuou devido ao

cheiro. A podridão avançava. Sem controle, o veneno dessa lesão se espalharia pelo corpo inteiro e o mataria... O chefe a observava, severo, a mandíbula apertada, a mão na empunhadura da adaga, como se sua vontade sozinha pudesse manter o filho vivo.

— Há quanto tempo — ela sufocava com o cheiro — ele está assim?

— Há sete semanas, talvez oito — respondeu o chefe. — Alguns dias ele está como era antes, e parece estar melhorando. Mas em outros fica doente, febril, apavorado. À noite é pior... — Ele engoliu em seco, baixou o olhar, mas não antes de Moire ver ali o brilho das lágrimas. Quando voltou a encará-la, a máscara estava ali de novo. — Você vai curá-lo — ordenou.

Ela não poderia. Moire abriu a boca para falar, para prepará-lo para a morte do filho, mas ele puxou o punhal, avançou até a cama com a lâmina nua, brilhando à luz da vela, e o medo fez a língua de Moire se deter novamente. Em vez de mergulhar a faca no coração dela, ele cortou o nó que amarrava as ataduras da perna de Alasdair e acenou com a cabeça para que ela prosseguisse.

As mãos dela tremiam enquanto ela desenrolava o linho, tentando não respirar. O pequeno aposento se encheu de miasma. O padre se afastou para vomitar nos juncos. O homem à porta levou a mão ao nariz e à boca. O chefe não hesitou; observava fixamente a lesão pútrida. Escorria dela um fluido amarelo e malcheiroso. Moire já havia visto homens corajosos desmaiarem diante de um parto. Aquilo era a morte, e mesmo assim Padraig Sinclair se mantinha firme. Estaria tão acostumado assim a ver homens morrerem? Ela quase podia sentir o bater das asas do corvo da Deusa da morte pairando sobre a cama, esperando. O padre ergueu o crucifixo, mantendo o nariz enfiado em uma das mangas de sua vestimenta, e passou a murmurar orações, como se assim pudesse espantar a podridão. Se isso fosse verdade, por que o Deus deles já não havia curado o filho do chefe? Mas Moire duvidava que sua Deusa pudesse fazer melhor.

Ela molhou um pano no que havia sobrado do vinho quente e limpou a perna de Alasdair. Seu paciente se encolheu, respirou fundo, mas não acordou. Murmurava, conversando com alguém que ela não podia ver. Isso a fez sentir arrepios.

Ela por fim recuou. Era tudo que Moire podia fazer, tudo que ousava fazer com o chefe e o padre a observando. Teria que ser astuta se quisesse sobreviver.

— Preciso de mais do que trouxe; ervas e outras coisas — ousou dizer, esperando escapar.

— Diga-me do que precisa. Buscaremos tudo de uma vez — respondeu Padraig Sinclair.

Ele tinha feições inteligentes, não cruéis, apesar das histórias que ela já ouvira. Moire percebeu que, sem intenção, ela lhe havia dado esperanças.

— Oh, mas eu mesma preciso pegá-las — disse, lisonjeira. — É fácil confundir poejo com solanum, ou camomila com helleborus, quando não se conhece.

Uma vez em sua cabana, a Deusa seguramente a protegeria. Mas uma gota de suor escorreu pelas costas dela quando a desconfiança tomou o rosto vincado do chefe e ele perguntou:

— Você pode curar meu filho ou não?

Era sua última chance de lhe dizer a verdade. Ela não podia fazer mais que deixar o rapaz confortável até que o fim chegasse; e chegaria, ela tinha certeza. Mas Moire não estaria ali para ver. Estaria ao pé da torre com o crânio rachado. Ela não queria morrer — nem Alasdair Og queria, ela tinha certeza também. Ele estava lutando muito...

Moire silenciosamente invocou a Deusa enquanto se forçava a olhar o *laird* nos olhos.

— Ele vai viver — mentiu ela, com voz alta e segura, desempenhando o papel da Deusa. Teria ela chegado milagrosamente àquele pequeno aposento no fim da noite e assumido o controle da língua de Moire? O padre ergueu os olhos, surpreso. Até as paredes pareciam se inclinar para escutar. — Mas uma sagrada donzela causou isso, e somente outra, uma virgem pura, poderá restaurar a saúde de seu filho — concluiu Moire.

Padraig Sinclair a encarou por um momento.

— Não você, suponho, velhota — ele disse. Apesar de sua idade e de tudo que já havia visto, Moire corou. — Que tipo de donzela? Uma noiva, uma freira, uma curandeira sagrada? — perguntou o chefe.

Ela não fazia ideia.

— Você deve procurá-la e trazê-la aqui — a Deusa revelou misteriosamente através dos lábios de Moire.

— *A Virgem* — gritou o padre, excitado, com sotaque forte, estrangeiro. — Nossa Senhora vai curá-lo. Traremos sua imagem da capela, buscaremos em Roma relíquias sagradas, colocaremos diante de seu filho, faremos orações, oficiaremos missas...

O chefe franziu o cenho. Ele havia desistido de Deus, pensou Moire. Ou estava desconfiado — se dela mesma ou do padre, ela não tinha certeza.

— Uma donzela viva — insistiu a Deusa, usando a língua de Moire.

Moire sustentou o olhar apavorante do chefe e o lançou de volta, até que ele desviou os olhos e fitou o filho.

— Não há outra moça como Jeannie Sinclair em lugar algum desta terra de homens cruéis — murmurou Padraig, e ficou em silêncio, esfregando o queixo e fitando Moire outra vez. — Meu filho estava noivo, mas o compromisso foi desfeito quando ele voltou assim. Ela era uma donzela, foi o que me asseguraram. Outra noiva de boa estirpe, talvez?

Moire juntou as mãos e inclinou a cabeça.

— Isso mesmo. Procure-a e traga-a aqui — sentenciou.

Certamente seria mais fácil — mais benevolente — se Padraig Sinclair estivesse longe de Carraig Brigh quando a morte chegasse para seu filho.

O grandalhão à porta mudou de posição, dizendo:

— Há um *laird* em Glen Iolair, a oeste, um MacLeod. Soube que ele tem várias filhas em idade casadoura. Talvez haja uma moça lá... — Ele deu de ombros. — Provavelmente não ouviram falar da... *doença* de Alasdair Og tão longe.

Sinclair engoliu em seco, e, por um momento, Moire viu a guerra entre a esperança e a indecisão nos olhos dele. Por fim, ele anuiu com a cabeça, dizendo:

— Partirei imediatamente. — O triunfo tomou o peito de Moire, mas virou pó quando ele apontou o dedo para ela. — Você ficará com ele até eu voltar — ordenou. Ele se inclinou para passar a mão

na testa do filho, afastando-lhe os cabelos escuros. — Mantenha-o vivo.

Era tanto uma ordem quanto um apelo.

Moire sentiu o estômago revirar quando a Deusa a abandonou. Agarrou a fina lã xadrez do tartan de Padraig Sinclair enquanto ele passava.

— Sim, chefe, mas se sua missão falhar... — disse.

Ele deu meia-volta, livrou-se da mão dela e a encarou, dizendo:

— Se meu filho morrer enquanto eu não estiver aqui, você vai dividir o túmulo com ele.

Glen Iolair, Escócia

Laird Donal MacLeod observava, insatisfeito, enquanto as filhas se preparavam para pendurar mais uma tapeçaria no salão de seu castelo. O trabalho delas com as agulhas era muito bom, sem dúvida; os pontos graciosos, as cores perfeitas. O problema era que o salão já estava cheio de tapeçarias, e elas também adornavam a maior parte do lugar, uma vez que suas talentosas filhas não tinham nada melhor para fazer além de bordar ou aprontar alguma travessura. Havia demais das duas coisas em Glen Iolair, na opinião de Donal.

Ele engoliu uma blasfêmia quando Aileen e Meggie, suas filhas mais velhas, tiraram a espada medieval do primeiro Temido MacLeod do lugar de honra que havia ocupado por mais de duzentos anos para abrir espaço ao mais novo trabalho delas. Elas quase se curvaram sob o peso da grande espada, orgulho dos MacLeod — bem, orgulho dos varões MacLeod. Duas das suas filhas mais novas, Gillian e Aeife, pegaram a arma, uma em cada ponta, e a levaram até o outro lado do corredor, para um depósito.

Donal abriu a boca para informar-lhes que o primeiro MacLeod ganhara o nome de Temido por suas proezas em batalha usando essa mesma espada para matar seus inimigos, capturando uma noiva rica e reivindicando para si Glen Iolair; mas rapidamente a fechou de novo. Esse não era o tipo de história que um homem contava às filhas. Atos sangrentos como esses as fariam desmaiar. Era uma história que um pai transmitiria a seu filho, se ele tivesse a sorte de ter um. Donal não havia sido tão abençoado. Ele era o último de sua linhagem, o último Temido MacLeod a governar Glen Iolair, e, para sua vergonha, o salão de seu castelo parecia mais a alcova de uma mulher que a fortaleza de um guerreiro.

Donal tomou um gole de sua cerveja, lançou um olhar à nova tapeçaria que elas estendiam e orou para que essa fosse pelo menos de uma cena de caça, com cachorros rasgando um veado ensanguentado, ou o próprio Temido na companhia de um grande falcão de bico sangrento, enquanto os homens de seu clã brandiam espadas e lanças.

Algo viril, para variar.

Mas, infelizmente, o que apareceu foi o rosto gentil de santa Margarida, a abençoada rainha da Escócia. Guiava uma fila de crianças camponesas rosadas, dançando em uma clareira plena de luz do sol e flores. O único homem na imagem era um sujeito franzino tocando flauta — uma *flauta*! Nem mesmo uma apropriada gaita de foles.

Donal apertou os olhos. O único espaço no castelo sem tapeçarias, almofadas bordadas e tapetes coloridos era sua própria câmara, e ele estava determinado a não deixar que as moças levassem ornamento algum para lá, mesmo que tivesse que montar uma barricada diante da porta e guardá-la com a primeira espada medieval do Temido, manchada de sangue.

Ele suspirou. Suas filhas precisavam se casar, ter sua própria casa para adornar. Quando chegasse esse momento feliz, ele esperava que o marido fosse mais firme que ele com elas. Ele amava suas garotas; muito. Aileen, a filha mais velha, tinha vinte e seis anos, fora casada, mas enviudara e voltara para casa. A mais nova, a pequenina Annie, ainda não tinha três. Suas meninas eram todas umas beldades, frutos de oito mães diferentes. Donal havia cortejado e se casado com todas as suas esposas na esperança de ter um filho que herdasse Glen Iolair e o terrível legado do Temido MacLeod; um rapaz bravo e arrojado para empunhar a espada medieval, encher o salão de troféus de batalha, histórias sangrentas e urros masculinos. Mas cada esposa lhe dera somente meninas, até que se viu com uma dúzia.

Donal era suficientemente jovem para se casar de novo; estava no auge ainda, considerado por todos que o conheciam um belo homem. Mas que esposa iria querer assumir um castelo tomado por uma dúzia de mulheres faladeiras, cheias de opinião, vivazes e soberbas? Não; antes de se casar de novo, ele teria que arranjar

marido para todas elas — bem, para a maioria delas, pensou quando sua mais nova, Annie, entrou e correu para ele com seu luminoso sorriso de bebê. Ele a pôs sobre o joelho e se deu conta de que a tarefa de casar tantas filhas poderia levar anos. Especialmente porque as garotas eram teimosas com tudo, desde vestidos e fitas até os admiradores. Ele observou os cachos loiros de Annie. Ainda seria belo quando ela se casasse?

E ele também era exigente. Os homens que se casassem com suas filhas teriam que ter certas qualidades. Teriam que ser filhos de clãs aliados, com fortuna própria, nascidos de boa linhagem, com caráter e bom senso. Teriam que ser ferozmente corajosos, e ter coração gentil — mas não gentil demais. Ter um bom coração criava problemas aos homens. Que outro *laird* permitiria que uma tapeçaria de crianças brincando desbancasse o símbolo de sua força e poder? Nenhum dos seus conhecidos...

— Tenho a honra de me dirigir ao Temido MacLeod? — perguntou uma voz masculina atrás dele.

Donal se voltou para observar o estranho parado em seu salão, que entrara sem ser anunciado, cercado por meia dúzia de homens fortes, armados até os dentes. O xadrez de seus tartans e os raminhos de tojo em seus gorros eram as marcas de homens de um clã — ou de um exército invasor. Sem dúvida, Meggie havia deixado a porta escancarada de novo, embora ele estivesse cansado de dizer que aquilo era uma fortaleza, não um alojamento.

Felizmente, o homem à sua frente parecia pacífico, embora determinado. As três penas em seu gorro declaravam-no chefe de um clã, e a prata intrincada de seu broche, o fino tecido de seu tartan, a frivolidade da renda francesa em sua garganta e as botas bordadas de pele de veado o confirmavam.

No colo de Donal, Annie sorriu para o estranho e seus companheiros, mas os homens olhavam para Aileen e Meggie, que ainda estavam em pé sobre a mesa, dando os toques finais na nova tapeçaria.

Donal se irritou com o escrutínio lascivo dos homens.

— Sim, sou MacLeod. Quem é você?

— Pdraig Sinclair, chefe dos Sinclair de Carraig Brigh. — Os olhos escuros do estranho pareciam pardais voando pela sala,

observando tudo. Caíram sobre Aileen. — Venho por uma questão de grande importância. — Com ousadia, o homem olhou a filha de Donal de cima a baixo, dizendo: — Estou aqui por uma de suas filhas.

Donal ergueu as sobrancelhas; entregou Annie para Aeife.

— Vá pegar o uísque, garota — disse, e se voltou para Sinclair: — Talvez seja melhor nos sentarmos.

Ele indicou um par de cadeiras e dois longos bancos perto da lareira, bem abaixo de onde estava Aileen. Donal a pegou pela cintura ao passar e a desceu da mesa. Meggie desceu sozinha e se juntou a Gillian, e as três ficaram ali paradas, olhando para os homens de Sinclair, que as observavam com calorosa apreciação. Na verdade, a apreciação era tão densa que Donal a poderia cortar com a espada medieval — se as moças não a houvessem tirado dali.

— Vão ajudar na cozinha — disse a suas filhas.

Como de costume, elas ficaram exatamente onde estavam.

— Por favor, permita que suas filhas se juntem a nós — disse Sinclair, galantemente indicando lugares para elas em um dos bancos.

Aileen se acomodou sobre uma almofada bordada, e suas irmãs ficaram em pé atrás dela. Os seis homens de Sinclair avançaram e se sentaram em frente a elas no mesmo momento, como cavalos emparelhados, sem tirar os olhos das garotas. Donal e Sinclair sentaram-se em cadeiras esculpidas — embaraçosamente adornadas com mais almofadas.

— Como eu disse, vim por uma de suas filhas — disse Sinclair de novo. — Uma donzela; ela deve ser virgem.

Donal cruzou os braços, perguntando:

— Para quê? Sacrifício pagão?

Sinclair voltou os olhos para Donal, surpreso.

— Não, claro que não! Para casamento. Com meu filho e herdeiro.

— Casamento! — exclamou Aileen, pulou do banco e saiu correndo da sala.

— Casamento? — perguntou Donal.

— Casamento — Meggie e Gillian suspiraram em uníssono.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A bela e o highlander"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).